

Perspectivas da Razão: Nietzsche, Weber e o conhecimento

Autor: Renarde Freire Nobre

Publicado no Jornal *Estado de Minas*, Caderno Pensar, 25 de Junho de 2005.

Ivan Domingues

Desde os tempos de Florestan Fernandes, a maioria dos sociólogos brasileiros, seguindo as pegadas do mestre, pareceu convencida de que era preciso demarcar a pesquisa empírica da sociologia frente ao pensamento especulativo da filosofia. Esta convicção, a bem da verdade, não é nem uma exclusividade brasileira, nem deve ser creditada integralmente ao ilustre sociólogo. Em sua origem, provém de um dos pais fundadores da sociologia, Durkheim no caso, que em seus escritos nunca deixou de manifestar suas reservas para com a disciplina de onde ele mesmo se originou e da qual nunca se livrou inteiramente. Tendo deixado marcas profundas em solo francês e em outras paragens, quando os estudos da vida social vão adquirir um viés cada vez mais empiricista, aprofundando mais ainda o fosso entre a sociologia e a filosofia, conforme nos mostra o mundo anglo-saxão, esse estado de coisas só foi alterado recentemente. Tal alteração ocorreu quando, passada a época heróica da fundação da disciplina e vencido o tempo de guerra de seus próceres, as gentes passaram a circular mais livremente, derrubando as barreiras e ultrapassando as fronteiras, em busca de contato e de terreno comum, partilhado por filósofos e sociólogos.

Pode-se dizer que um pouco essa é a situação em que se encontram hoje a filosofia e as ciências sociais, no Brasil e mundo afora, ficando a filosofia com suas antropologias filosóficas e suas filosofias sociais e políticas, as ciências sociais com seus estudos empíricos, suas sociologias variadas e suas teorias políticas - não em competição, mas em cooperação umas com as outras. Eu digo um pouco porque o leitor não deverá pensar que doravante encontrará as disciplinas com as fronteiras abertas e as academias sem os guardas das cancelas. De fato, o que não faltarão são guardas e barreiras, por toda parte, na filosofia e nas ciências, cujos dispositivos e coerções vão modelar profundamente a mentalidade do sociólogo e do filósofo médios, condenados a uma espécie de solidão intradisciplinar. Fazendo-lhes contraponto, não faltarão na outra ponta da intelligentsia mentes mais abertas e indivíduos mais cooperativos, espécie de outsiders dispostos a cruzar as fronteiras e levar adiante estudos interdisciplinares. Tais outsiders a revista *Science* mostrou recentemente, vol 306, dez. 2004, referindo-se aos Estados Unidos, que eles se situam nos estratos mais jovens da população acadêmica, bem como nos estratos mais experimentados, constituídos pelos seniores e considerados tops de linha. Ora, antes mesmo do Brasil e dos EUA em nossos dias, um pouco é essa situação, num tempo marcado por uma maior frouxidão disciplinar, que será encontrada na Alemanha no início do século XX e que vamos encontrar retratada no livro do Prof. Renarde Freire Nobre.

O livro tem o sugestivo título de *Perspectivas da razão – Nietzsche, Weber e o conhecimento*, publicado pela Argvmentvm Editora, de Belo Horizonte. Nele o

leitor encontrará – seguindo as pegadas de Gabriel Cohn, deixadas num estudo hoje considerado clássico e intitulado *Crítica e resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber* – uma preciosa comparação entre Weber e Nietzsche, tomando por eixo a idéia de forma de racionalidade e a concepção de razão. Tal comparação levará à contraposição entre a razão vital do filósofo e a razão teórica do sociólogo, bem como – o que é a mesma coisa – entre a transracionalidade vital de um e a racionalidade reflexiva do outro.

A meu ver, é aí que reside o ponto alto do livro e é aqui que o leitor terá bastante o que aprender. O contexto, pode-se dizer, é o desafio a que se entregaram em anos recentes a filosofia e a sociologia de fornecer uma teoria da razão e da racionalidade que permita recuperar a vocação de unidade da razão moderna – razão substancial e metafísica cartesiana, razão ilustrada ou iluminista – e sua posterior desintegração em uma multiplicidade de razão e racionalidades particulares: razão instrumental, razão dialética, razão hermenêutica, razão calculadora (matemática), racionalidade teórica, racionalidade prática, racionalidade vital, racionalidade reflexiva, etc. É neste contexto que o leitor vai encontrar Weber e Nietzsche, cada qual procurando compreender à sua maneira o que julgava ter ante os olhos em suas análises da modernidade.

Tendo desfeitas as fronteiras que separam os campos disciplinares, Renarde passará com desembaraço do terreno da filosofia ao da ciência, e vice-versa, facilitado por dois autores que não procuravam basear seus pensamentos em distinções definitivas e polarizações rígidas. Assim, não faltarão no livro argumentos que mostram por que o filósofo passou a ser conhecido como um dos mestres da suspeita em filosofia e, ele próprio, se considerava um psicólogo das profundezas. Analogamente, não faltarão argumentos que mostram em filigrana por que de Weber pode-se dizer que é um advogado de formação (pois ele estudou direito), economista por vocação e sociólogo por acidente, tendo chegado à sociologia relativamente tarde em seu percurso intelectual. Porém, não é este o terreno em que o autor se coloca para comparar o filósofo e o cientista, mas no terreno epistemológico, terreno em que, junto com as idéias de razão, vamos encontrar as idéias de conhecimento sustentadas por ambos, numa perspectiva que levará à contraposição entre razão científica e razão filosófica.

O que a comparação nos mostra, com efeito? Muita coisa. Em particular, que nada é mais diferente que as duas idéias e os dois usos da razão, um levando à filosofia, outro à ciência. Mais: um, partidário da razão positivista e disposto a inventariar o real, aplicando-lhe as ferramentas do conhecimento; o outro, partidário do pensamento agônico, convicto da necessidade de “desrealizar” o mundo decadente que o cerca e disposto a levar o espírito de suspeita até o fim, denunciando o nihilismo e o logocentrismo. E ainda: um, ferrenho crítico da razão raciocinante, do conceito puro e do cálculo exato, em que vê um embuste de metafísico, um fetichismo grosseiro da linguagem e um pensum de matemáticos que não sabem pensar; outro, vendo na razão instrumental, no tipo ideal e nas construções da ciência uma importante ferramenta e um poderoso meio de conhecimento. Porém, essas distinções e polaridades não são tudo: há ainda inúmeros pontos compartilhados pelo sociólogo e pelo

filósofo. A começar pelo tema da fuga dos deuses, que Nietzsche tornou célebre e que será extremamente caro a Weber, ao se ocupar da secularização da cultura como o grande resultado do processo de racionalização e a marca por excelência da razão moderna. Para terminar, o tema do sentido e da falta de sentido, associado à questão do valor e centrado na ação, individual e coletiva, conduzindo ao paroxismo metafísico (nihilismo, transvaloração), noutra à sua coisificação e funcionalização (cristalização em condutas, correlação com estamentos, remissão a processos históricos).

Tudo isso o leitor encontrará fartamente argumentado no livro, revelando que o autor goza de familiaridade com as obras de Nietzsche e Weber. O que não vai encontrar é a resposta à questão que decerto lhe veio à mente ao assistir à comparação dos dois pensadores. A questão é, justamente, por que comparar Nietzsche e Weber? Como Renarde não a formula, deve-se buscar socorro alhures, em Weber, em Nietzsche e no contexto comum a ambos. Um leitor desavisado, se fosse procurar as razões da importância de Nietzsche para Weber nas vezes em que o sociólogo invoca o filósofo, certamente concluiria pela ausência de influência ou mesmo de convergência temática, pois raras são as ocasiões em que o autor do Zarathustra é invocado diretamente: duas vezes na Ética; três vezes em Economia e sociedade. Todavia, não é isso o que o livro mostra ao compará-los. Pessoalmente, não tenho maiores simpatias por comparações, por acreditar que elas invariavelmente levam a analogias extrínsecas, sem maiores rendimentos epistemológicos. Estimulado, porém, pela leitura do livro, fui levado a formular, ao perguntar pela base da comparabilidade, a hipótese acerca do terreno comum aos dois pensadores, fornecendo-lhes o contexto da obra e seu espírito.

A hipótese é que ambos compartilham da mesma empresa de instalar uma razão e um conhecimento reflexivos, empresa em que não estão sozinhos e dividem o espaço com outros pensadores modernos, levando à instalação daquilo que poderia ser chamado de modernidade reflexiva. Conduzida por uma razão que é a um tempo juiz e réu do processo, em sua raiz acha-se o velho preceito delfico do conhece-te a ti mesmo, cuja senda moderna bifurcará numa filosofia cada vez mais pivoteada pelo sujeito e pelas potências do intelecto, e no conjunto das ciências humanas nascentes, pivoteadas pelo objeto e pelas formas objetivadas. Ora, é neste quadro que se inscrevem, a contracorrente, Nietzsche e Weber. Guiado pela hipótese, o leitor avistará no centro do círculo da modernidade reflexiva a razão ilustrada da qual julgava terem-se livrado o filósofo e o sociólogo. Reconduzindo-os de volta, descobrirá em suas obras e em seus pensamentos o avatar da ilustração ou do iluminismo moderno. Com a diferença que, no filósofo, está-se diante de um conhecimento reconciliado com os instintos (gaia ciência), da razão romântica (afirmação das potências do coração) e do último dos metafísicos: o metafísico da vontade de potência, como viu Heidegger. Já em Weber, ante um iluminista desiludido, pensador da razão melancólica e autor em profunda crise de identidade com seu tempo, enxergando na civilização ocidental tardia a vitória de hedonistas sem coração e no conjunto do sistema capitalista a jaula de ferro.

Ivan Domingues é professor titular do Departamento de Filosofia da UFMG

